

EDITORIAL

Materialidades e resistências plurais nas produções audiovisuais contemporâneas

RuMoRes, revista científica online dedicada aos estudos de comunicação, linguagem e mídias apresenta, ao completar dez anos, artigos que tratam das materialidades plurais, especialmente aquelas das produções audiovisuais, procurando novas perspectivas para a análise de obras emergentes ou para a retomada de obras clássicas. Dessa forma, seus artigos recortam objetos que são inovadores e desafiadores ao proporem reflexões contundentes sobre temas do tempo presente, tão diversos quanto imbricados, dos quais destacamos o entretenimento, a cultura popular, a periferia, a memória, o feminino, a política.

A presente edição oferece o **Dossiê Materialidades das Produções Audiovisuais**, com artigos voltados para obras audiovisuais específicas, sejam elas televisivas ou cinematográficas, clássicos ou lançamentos. Os textos reunidos procuram descrever, em cada caso, uma inquietude que se relaciona à retomada dos cânones, às marcas da memória, aos processos de recepção especialmente no contato com as redes sociais. O **Dossiê** inicia-se com o artigo "As práticas do espectador: recepção e entretenimento em Gogglebox", análise de Marcio Serelle sobre o *reality show* em questão, argumentando que suas estratégias de recepção não reduzem o poder social da mídia televisiva em propiciar interações e senso de coletividade. Na sequência, outro *reality show* é observado em suas estratégias de recepção, "*Please, come to Brazil!*": as práticas dos fãs brasileiros do reality show *Rupaul's Drag Race*", de Mayka Castellano e Heitor Leal Machado, marcando o momento político atual da luta pelos direitos LGBT.

Quatro obras cinematográficas são, então, tomadas quanto à sua presença social e dualidade entre memória e esquecimento. Em “Leon Hirszman e a trilogia dos Cantos de trabalho”, Esther Hamburger e Thalles Gomes voltam-se para os cantos de trabalho na trilogia cinematográfica e suas distintas significações como fenômeno social e artístico. Rafaela Caetano e Gustavo Souza retomam uma obra canônica em “Os percursos da memória em Cidadão Kane”, observando o tema da memória a partir dos testemunhos de diversos personagens. É também por meio de um personagem, Hercule Poirot, que em “Encontro com a Morte: tirania e liberdade em Agatha Christie”, Jean Pierre Chauvin aborda o gênero policial clássico e a possibilidade de liberdade a partir dele.

Ainda seguindo o caminho de narrativas clássicas, agora pensando sua possibilidade de retomar narrativas fundadoras, Marcelo Dídimo e Aline Azevedo Soares analisam a adaptação cinematográfica de uma heroína mítica em “Reflexões sobre a narrativa de fundação em ‘Iracema, a virgem dos lábios de mel’”. Encerrando o **Dossiê**, Sheila Schvarzman traça um percurso pela história do cinema brasileiro em “Escrever a história do cinema brasileiro no século XXI: desconstruir a história no singular e escrever a história no plural” propondo, de modo abrangente, um percurso que indica temas, abordagens e campos que vêm se firmando nas últimas décadas nesse campo de pesquisa.

Os demais artigos da edição, por sua vez, privilegiam a abordagem de fenômenos midiáticos tentando apreender tematicamente desafios sociais e políticos. “O futebol e seus ídolos: David Luiz na Copa do Mundo de 2014”, de Paula Guimarães Simões, analisa narrativas midiáticas em torno da figura do zagueiro, ídolo na Copa de 2014. De um fenômeno de idolatria, passamos à formação da identidade de mulheres com “Retratos da periferia em construções identitárias de *it girls* das favelas cariocas no Instagram”, de Simone Evangelista Cunha e Beatriz Polivanov, apontando mudanças sociais e culturais por meio do uso da moda e das redes sociais. O feminino em suas potências e dilemas representacionais também é abordado por Tatiane Leal em “A mulher emocional: potências e riscos da feminilidade no discurso jornalístico”, analisando material

jornalístico – de Veja, Época e Você S/A Edição para Mulheres – que tenta dar conta do que seria uma sensibilidade feminina. A visibilidade nas mídias sociais, especialmente em relação ao tema da memória e sua dualidade com o esquecimento, é abordado por Vitor Braga, Jessica Carneiro e Idilva Maria Germano em “A memória na era dos aplicativos móveis: uma discussão sobre o papel da fotografia em tempos de Snapchat”.

O tema da memória à possibilidade de significação nas redes sociais, relacionada especificamente a um caso da política nacional, é tratado em “Cuspe: a metáfora que vem de dentro e o processo de significação nas redes sociais”, de Jorge Antonio de Moraes Abrão e Anderson Vinicius Romanini, considerando um mesmo evento durante a votação da aceitabilidade do processo de *impeachment* e sua aparição nas redes sociais de diferentes políticos. Observando figuras de relevância política e midiática, “Cartografias de processos político-midiáticos e espetáculo: sujeitos midiáticos e suas adaptações ao ambiente político”, de Nísia Martins do Rosário e Guilherme Fumeo Almeida, analisa a trajetória de Tiririca, Jean Wyllys e Romário, pensando a noção de espetáculo e a visibilidade na esfera política.

O debate sobre os contornos do politicamente correto hoje é desenhado por Nara Lya Cabral Scabin em “As disputas em torno da categoria ‘politicamente correto’ no debate público: análise discursiva de matérias da Folha de S.Paulo”, mapeando as principais disputas no debate público brasileiro. No texto “Em defesa da complementaridade: uma análise dos encontros entre Habermas e Rancière”, Vanessa Veiga de Oliveira busca paralelos na noção de política nos dois autores, pensando a possibilidade de dissenso e igualdade na formação da cena pública. A edição termina com a resenha de Hilton Costa “Entre indústrias culturais: a formação do cinema juvenil brasileiro”, para o livro *Leia o livro, veja o filme, compre o disco: a formação do cinema juvenil brasileiro*, de Zuleika de Paula Bueno, abrindo a possibilidade de pensar as indústrias culturais e os gêneros cinematográficos no plural, buscando apontar e construir as características e transformações de um cinema juvenil no país.

Ao final de mais um semestre, desejamos aos nossos leitores e leitoras calorosos debates, reflexões motivadoras e renovadas resistências para enfrentarmos, a partir de nossos lugares específicos, os desafios políticos e sociais que se colocam coletivamente a nós. Boas leituras!

Rosana Soares
Andrea Limberto